

CONFELÍDER

24-28 de julho de 2002

A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA

Seja em nossa paróquia, seja em nossa família, seja na sociedade, a vida nos desafia a embarcar numa fascinante jornada de descobrimentos, que é o estudo da história. Quais são os principais acontecimentos que influenciaram nossa caminhada? Quem são as pessoas que trilharam o caminho antes de nós? Qual a importância que isso tinha para eles? Como isso influenciou a história que vivemos hoje? No estudo destas questões, começamos a perceber que a história não é um objeto finito para ser perpetuado em monumentos ou guardado e esquecido em poeirentas prateleiras. **Estudar história é uma forma de procurar compreender aquilo que nunca termina.** Novas informações, mudanças de perspectivas e o acúmulo de fatos significam que o panorama histórico está sempre em constante transformação. É uma matéria viva e como tal capaz de nos alimentar em nossa presente jornada.

A história da igreja e das paróquias geralmente focaliza as realizações de seus líderes e as ações de sua organização e estrutura. A maior parte dos membros da igreja ou de uma comunidade paroquial tem pouca relação com os bispos, sínodos ou reuniões oficiais. Essas pessoas simplesmente vivem sua fé na comunidade que freqüentam. Seja como for, nossa experiência como membros da Igreja acontece primeiro na comunidade local. Por isso, é importante escrever a história da paróquia, porque ela nos ajuda a perceber quem somos, como nos vemos e como somos vistos pelos outros. Saber de onde viemos nos ajuda a perceber onde estamos hoje e para onde desejamos ir no futuro.

Escrever a história da igreja e de uma paróquia local ajuda a descobrir e conhecer suas raízes, os diferentes eventos e as pessoas que formaram a vida daquela comunidade ao longo dos anos. Sem dúvida, será uma história de realizações e lutas, de celebrações e desafios. Ao registrar os eventos do passado,

1. Somos lembrados das semelhanças e diferenças entre a história da paróquia local e a história da comunidade maior do povo de Deus.
2. Começamos a descobrir os vínculos entre as nossas experiências e as experiências daqueles que vieram antes de nós.
3. Fazemos parte da história viva da igreja.
4. Recolhemos a memória coletiva da comunidade paroquial.
5. Registramos as ações, os episódios e os eventos que formaram o padrão distintivo da vida da comunidade.
6. Examinamos as relações da paróquia com a sociedade a que pertencemos e com o mundo, as diferentes atitudes, opiniões, crenças, realizações e convicções que a paróquia abraçou ao longo dos diferentes períodos de sua história.
7. Descobrimos nesse processo um passado de grande complexidade e diversidade, mas também um passado do qual podemos aprender muito sobre quem somos e como conseguimos chegar até aqui.

(“Escrevendo a História de Nossas Paróquias”, Projeto Memória, 2001, pp.10-11).

HISTÓRIA E MISSÃO

“O ato de contar histórias e organizar nossa memória em forma descritiva é, por definição, um ato sagrado. Contamos histórias porque elas preenchem o silêncio imposto pela morte. Contamos histórias porque elas nos salvam” (James Carroll),

Notas preparadas pelo Rev. Oswaldo Kickhofel, Executor do Projeto Memória, para o seminário sobre Missão e História, na VI Conferência de Lideranças (CONFELÍDER), realizada de 24 a 28 de julho de 2002, no Recanto Betânia, em Embu Guaçú, São Paulo, SP.

I. MISSÃO

Jesus enviou os doze apóstolos a pregar o reino dos céus. Depois designou outros 70, enviando-os dois a dois a todas as cidades e lugares. Ao despedir dos discípulos, conclamou-os novamente para o trabalho missionário: “Ide e fazei discípulos”. Mas a aparente derrota cruz e os dias que se seguiram ao domingo da Páscoa haviam produzido incertezas e temores. O Pentecostes, porém, foi o poder transformador dos apóstolos, passando a experimentar um novo vigor: “Todos os dias acrescentava-lhes o Senhor os que iam sendo convertidos”.

Mas a história mostra que o início não foi fácil. Estevão foi o primeiro mártir. As perseguições se sucedem, mas os seguidores de Jesus não abjuram. Ao contrário, por onde passaram deixaram a semente do evangelho. Não só na Judéia e Samaria, mas também na Ásia Menor, organizam as primeiras comunidades, sem esquecer a estrada de Damasco, em que Saulo perseguidor se transformou em Paulo defensor. É dessa época o início do Cristianismo em Roma, onde Paulo encontrou uma comunidade que, 300 anos depois, vai influenciar o império romano. Na história da missões mundiais, ninguém sobrepujou Paulo, sendo ele, de fato, o apóstolo dos gentios. Suas viagens missionárias são ricas em lances de heroísmo e de fé. Onde quer que pregava deixava organizada uma igreja. Já no segundo século, tinham sido organizadas mais de 90 comunidades. Data também dessa época a implantação da fé cristã na Inglaterra. O cristianismo se espalha no Ocidente.

314 - Concílio de Arles, no sul da França

596 - Santo Agostinho, em Cantuária

1534 - Henrique VIII

1607 - Robert Hunt celebra a primeira comunhão na América

1620 - Chegam os peregrinos no *Mayflower* ; fundam um novo estado

1776 - Independência dos Estados Unidos. A igreja se organiza

1784 - Sagração de Samuel Seabury

1823 - Criado o Seminário de Virginia

II. HISTÓRIA

1. Primórdios

PERÍODO COLONIAL

- 1500 - Descobrimto por Pedro Álvares Cabral.
- 1530 - Portugal decide tomar posse da terra, nomeando Martin Afonso de Souza como primeiro governador geral.
- 1534 - O Brasil é dividido em capitanias hereditárias.
- 1555 - Primeira presença protestante no Brasil: huguenotes franceses no Rio de Janeiro com a malograda expedição do vice-almirante Nicolau Durant de Villegaigon.
- 1624 - Primeira investida holandesa na costa brasileira, permanecendo na Bahia durante um ano, sendo expulsos pelos portugueses.
- 1630 - Calvinistas holandeses tomam Recife e Olinda. Ficam lá por 24 anos sob o governo de Maurício de Nassau.
- 1805 - Henry Martin.** Um contato. Foi o primeiro anglicano a pisar o solo brasileiro. Em viagem para a Índia, seu navio aportou durante 15 dias em Salvador, Bahia, onde manteve contato com padres, falando em francês e latim. Encantado com as belezas naturais do país, escreveu em seu diário: “Quem será o ditoso missionário que irá trazer o nome de Cristo a esta região ocidental? Quando será este país libertado da idolatria e do Cristianismo espúrio? Cruzes há em abundância, mas quando será aqui anunciada a doutrina da Cruz?”

PERÍODO IMPERIAL

- 1808 - Chega ao Brasil Dom João VI e toda a corte real portuguesa.
- 1810 - Tratado comercial entre Portugal e Inglaterra concede liberdade religiosa aos ingleses residentes no Brasil. Início das **capelanias** inglesas.
- 1819 - Os ingleses constróem a primeira capelania, a **Christ Church**, no Rio.
- 1822 - Independência do Brasil.
- 1824 - Chegam ao Brasil os primeiros imigrantes alemães.
- 1853 - William Cooper.** Primeira tentativa. Primeiro missionário enviado pela igreja americana. Um episcopaliano residente no Rio de Janeiro, provavelmente membro da colônia americana, pediu que a Igreja Episcopal dos Estados Unidos enviasse um missionário para o Brasil. O pedido foi atendido pela Sociedade Missionária da Igreja Episcopal, que enviou em 1853 o rev. William Cooper, que foi o primeiro missionário oficialmente enviado ao Brasil. Tendo naufragado o navio em que viajava no mar das Caraíbas, Cooper desistiu da missão e voltou para os Estados Unidos. Pouco se sabe sobre sua vida e ministério.
- 1855 - Chega o missionário inglês Robert Kalley, funda a primeira igreja protestante no Brasil, no Rio de Janeiro, não obstante a forte oposição da hierarquia romana local.
- 1859 - Os presbiterianos inauguram sua primeira missão, mas só três décadas depois conseguem organizar a igreja em definitivo. Os batistas tentam se estabelecer no Rio de Janeiro, mas sem sucesso.
- 1860 - Richard Holden** em Belém do Pará.
- 1862 - Richard Holden em Salvador, Bahia. **Seamen Mission** em Santos.
- 1864 - Richard Holden no Rio de Janeiro. Torna-se darbista. Chegou aqui em 1860 e permaneceu até 1872. Trabalhou em Belém no Pará, em Salvador na Bahia e no Rio de Janeiro. Foi a menos fracassada das missões. Entretanto, seu temperamento forte e polêmico e o contexto de oposição que encontrou no Brasil inviabilizaram sua pretensão de estabelecer a Igreja Episcopal no Brasil. Iniciou seu trabalho em Belém do Pará. Era escocês, de pais anglicanos, mas só se converteu aos 21

anos, quando uma experiência mística e enfermidade o trouxeram de volta à igreja. Estudou teologia e português nos Estados Unidos. Traduziu o LOC para a nossa língua. Foi enviado ao Brasil pelo Departamento de Missão da Igreja Episcopal e pela Sociedade Bíblica Americana.

Dois razões levaram Holden a escolher Belém do Pará. A primeira era que havia um posto de distribuição de Bíblias na cidade, que pertencia a um capitão de navio americano, chamado Robert Nesbitt. Era um importante ponto de contato para iniciar seu trabalho. A segunda era que havia uma expectativa de que o Rio Amazonas fosse aberto à navegação internacional.

Holden encontrou em Belém intensa hostilidade para pregar o evangelho. Tentou criar uma comunidade permanente, mas não teve sucesso. Usou a imprensa para difundir suas idéias, escrevendo artigos polêmicos que provocavam a ira romana, especialmente do bispo de Belém, Dom Antônio de Macedo Costa. Viajava pelos afluentes do Rio Amazonas, vendendo bíblias e panfletos evangélicos nas vilas e cidades ribeirinhas.

Em 1862, mudou-se para Salvador, Bahia, onde também usou a imprensa para polemizar. Essa liberdade durou pouco, porque a oposição, como ele mesmo escreveu, “estava tentando de qualquer maneira arranjar uma acusação pela qual eu pudesse ser posto na cadeia”. Escapou de três tentativas de morte. Devido a sua forte personalidade de pregador polêmico, aos poucos começou a encontrar dificuldades no próprio Departamento de Missão da Igreja Episcopal, que havia patrocinado sua vinda ao Brasil. Em 1864, aceitou um convite do Dr. Robert Kalley para trabalhar no Rio de Janeiro como pastor da Igreja Congregacional Fluminense, por quatro anos. Como poeta, escreveu mais de uma dezena de hinos. Dois deles (164 e 165) constam em nosso hinário de 1962. Mais tarde tornou-se **darbista** *. Faleceu em Lisboa, em 1886. Tinha 58 anos. Com ele encerram-se duas mal sucedidas tentativas de implantar a igreja anglicana no Brasil. O sucesso só vai chegar duas décadas e meia depois, em 1890, com a chegada de James Watson Morris e Lucien Lee Kinsolving.

1876 - Chegam os metodistas americanos.

1882 - Os batistas se estabelecem definitivamente na Bahia.

* **Darbismo** – movimento religioso fundado em 1830, na Inglaterra, por John Nelson Darby, em oposição a fraca espiritualidade da Igreja Estabelecida. Darby e seus seguidores acreditavam que todos os crentes são sacerdotes, não havendo necessidade do ministério ordenado. Rejeitavam qualquer tipo de denominação eclesiástica. O único vínculo entre os crentes era a fé, o amor cristão e o Espírito Santo. Eram também conhecidos como “Os Irmãos Livres” ou “Os Irmãos de Plymouth”, onde o movimento havia começado. No Brasil, as atividades desse movimento começaram em 1878, no Rio de Janeiro, sob a liderança de Richard Holden. Os darbista chamavam os seus templos de Casas de Oração. Segundo a revista **Ultimato** (setembro-outubro de 2000, nº 266, p. 10) o movimento darbista conta atualmente com 700 casas de oração e 200 missionários no país.

PERÍODO REPUBLICANO

1889 - Proclamação da República. Termina o período imperial e com ele desaparece também o sistema do **padroado** * e a doutrina do **regalismo** **. Separado da Igreja, o Estado proporciona ampla liberdade religiosa. Essa nova situação foi providencial para o início do trabalho dos missionários. O início da história da Igreja Episcopal sinalizava a presença divina que, embora invisível, de algum modo interferiu no curso de sua história, ajudando a concretizar

sonhos e esperanças. O Brasil passava por um processo revolucionário civil tão profundo que resultou em mudanças igualmente profundas na vida política, social e religiosa do país. A passagem do regime imperial para o regime republicano foi um fato político que teve decisiva importância para o estabelecimento de nossa igreja no Brasil. Durante o império, a Igreja Católica Romana detinha o monopólio da vida religiosa no país. Não era permitido realizar cultos não católicos romanos e, quando isso era possível, havia severas restrições, como foi o caso das capelanias inglesas. Somente os casamentos realizados pela Igreja de Roma eram reconhecidos. Era tão grande o domínio romano que um dos principais fatores que contribuiu para a eclosão da revolução republicana foi o desejo de separar a Igreja do Estado. Não estaria Deus preparando o caminho para os missionários? Seja como for, esta pergunta nos induz a fazer outras perguntas:

Por que os missionários vieram?

Que visão teológica eles tinham?

Qual era o núcleo central da mensagem que traziam?

Por que vieram fazer missão em terras papistas?

O Brasil era um país católico romano. Os brasileiros já possuíam uma forma de Cristianismo. Haveria necessidade de fazer missão num país já cristianizadas? Para os missionários a resposta era afirmativa, porque a igreja dominante não havia conseguido cristianizar o Brasil durante 400 anos de dominação religiosa. As classes letradas estavam tomadas pelo ceticismo e pela indiferença. As massas populares, iletradas e subalternas, estavam absorvidas num sistema de supersticiosa idolatria, aproximando-as mais do antigo paganismo do que da verdadeira religião de Jesus Cristo. Havia também uma razão teologia: o progresso material não era elemento indicativo seguro da presença do reino de Deus. A sociedade e o mundo são maus, porque os indivíduos não são bons. Os indivíduos são pecadores. Sendo assim, era preciso regenerar os indivíduos, para que a sociedade fosse transformada. Essa teologia era bastante

* **Padroado** – direito de proteção adquirido por quem fundou ou doou uma igreja; direito de conferir benefícios eclesiásticos; direito de criar e prover cargos eclesiásticos. O padroado favorecia amplamente o governo no sentido de influenciar os membros do clero. Havia evidente diminuição da autoridade da Igreja: ministros de Estado davam ordens a bispos; bispos eram impedidos de se afastarem de suas dioceses sem autorização; livros de teologia eram submetidos a exame; emendas de estatutos dos cabidos religiosos, regulamentos da jurisdições dos vigários capitulares, autorizações ou proibições de noviciados e outras questões eclesiásticas só adquiriam validade depois de submetidas ao beneplácito do poder civil.

** **Regalismo** – doutrina segundo a qual era lícito ao Estado interferir em assuntos religiosos (Constituição de 1824). Essa relação gerou sério conflito entre os dois poderes, que ficou conhecido como A Questão Religiosa. Ao considerar oficial a religião católica romana e manter pecuniariamente o clero, o Estado se atribuiu o direito do padroado, colocando a Igreja em posição de dependência e fortalecendo a doutrina do regalismo.

influenciada pelo individualismo protestante, fruto dos famosos reavivamentos espirituais americanos. As formas sociais e políticas que o povo americano havia descoberto e implantado em seu próprio país eram produtos do puritanismo inglês e americano. Era a teologia do progresso material. As instituições americanas refletiam os ideais puritanos de “povo escolhido de Deus”. E esse modelo devia ser compartilhado com outros povos, para que o reino de Deus se estabelecesse no mundo todo. As vias escolhidas para essa gigantesca tarefa era a pregação do puro evangelho e a educação do povo. Daí a razão por que as igrejas evangélicas fundaram tantas escolas no país. Em resumo, o núcleo central da mensagem dos missionários pode ser resumido em cinco grandes temas: o amor de Deus, o pecado universal, a expiação universal, o livre arbítrio e a possibilidade infinita do perfeccionismo humano.

2. Período não episcopal

1890 - Morris e Kinsolving realizam o primeiro culto em Porto Alegre. Casa da Missão. Capelas da Trindade e Bom Pastor.

1891- James Watson Morris e Vicente Brande iniciam o trabalho em Rio Grande e São José do Norte. Pequena congregação presbiteriana. James Watson Morris inicia o trabalho em Santa Rita. Chegam os missionários William Cabell Brown, John Gaw Meem e Mary Packard.

1892 - John Gaw Meem e Antônio Machado Fraga iniciam o trabalho em Pelotas. Brande inicia o trabalho em São José do Norte.

Primeira convocação não autorizada, sem leigos.

Data: 23 a 26 de maio de 1892

Local: Casa da Missão, em Porto Alegre.

Presentes: reverendos Morris, Brown, Meem e Kinsolving, e catequistas Boaventura, Brande e Cabral. Presidida por Kinsolving e secretariada por Cabral.

Assuntos: Brande relata sobre o trabalho em Rio Grande, Ilha dos Marinheiros e São José do Norte. Boaventura relata sobre o trabalho em Santa Rita. Cabral faz um relatório sobre suas viagens. Em todos os lugares, havia boa aceitação do evangelho. A convocação fez designações: Boaventura em Santa Rita, Morris e Cabral em Porto Alegre, Kinsolving e Brande em Rio Grande.

1893 - Primeira visita episcopal: George William Peterkin. Morris e Brown fundam o ***Estandarte Cristão***.

1894 - Primeira convocação autorizada, ainda sem leigos.

Data: 3 a 8 de março de 1894

Local: Capela do Salvador, Rio Grande.

Presentes todos os presbíteros e diáconos que formavam o clero, menos Brown, que estava nos Estados Unidos.

Assuntos discutidos: a relação com a igreja alemã em São Leopoldo, a contribuição para os diáconos e a instrução do clero.

1895 - Segunda convocação.

Data 22 a 27 de abril, em Porto Alegre.

Presentes: todos os presbíteros e diáconos, inclusive Brown. Foi a primeira que teve representação leiga. Participaram cinco leigos: Joaquim Alberto Fróes (Pelotas), Ernesto Gomes Pereira Bastos (Santa Rita), Bruno Mareco (Trindade, POA) e José Pereira Santos Norte (Bom Pastor, POA).

Assuntos tratados: a primeira constituição, os primeiros cânones e a eleição de um bispo. Américo Vespúcio Cabral inicia o trabalho em Viamão.

1896 - Terceira convocação.

Data: 15 a 18 de janeiro.

Local: Capela do Redentor, em Pelotas.

Assuntos: discutiu novamente a questão da instrução do clero, a necessidade de nova visita episcopal e os limites paroquiais. Construção do primeiro templo: Igreja do Calvário, em Santa Rita do Rio dos Sinos (hoje Nova Santa Rita).

Convocação extraordinária.

Data: 11 e 12 de junho,

Local: Porto Alegre.

Assuntos: aprovar a tradução do LOC realizada por Brown e Cabral. Concluído o exame do texto, ainda incompleto, porque não continha todo o conteúdo do livro original. A convocação delegou poderes para uma comissão, formada por Brown, Meem e Cabral, para terminar o trabalho de revisão. Impressa nos Estados Unidos, esta primeira tradução foi usada até 1930.

1897 - Segunda visita episcopal: Waite Hockin Stirling. Ordenação dos três primeiros presbíteros: Cabral, Brande e Fraga.

Quarta convocação.

Data: 20 a 25 de janeiro

Local: Porto Alegre

Assuntos: supervisão episcopal, seminário teológico, reconhecimento da igreja em Viamão, aprovação dos estatutos da Biblioteca *Estrela do Sul*, regularização dos registros das propriedades da igreja, publicação quinzenal do *Estandarte Cristão* e a supressão da palavra *sul* na denominação oficial da igreja.

1898 - Vicente Brande é designado para iniciar o trabalho em Jaguarão. Fusão das Capelas da Trindade em Bom Pastor.

Quinta convocação.

Data 22 a 29 de janeiro, em Rio Grande.

Assuntos: criação da Sociedade Missionária (educar e sustentar pregadores nacionais. Razão de ser: uma igreja que se sustenta a si mesma é uma igreja que se propaga a si mesma), proposta por Cabral, a eleição de um bispo e a criação de um seminário teológico. Peterkin autorizou a eleição de um bispo.

Convocação extraordinária foi logo convocada.

Data: 31 de maio

Assunto: eleição de Kinsolving. A eleição dos brasileiros era apenas um indicação. Kinsolving foi oficialmente eleito pela igreja americana. Embora a igreja americana tivesse que revalidar a eleição da convocação brasileira, a iniciativa partiu da ainda frágil e pequena igreja brasileira. E esse foi o seu grande mérito.

3. Período Kinsolving (1899-1925)

1899 - Sagração de Lucien Lee Kinsolving.

1900 - Morris inicia o trabalho em Santa Maria.

1902 - Recebida a Comunidade Evangélica da Florida.

1903 - Fundação do **Seminário Teológico**, em Rio Grande. Início do trabalho em Bagé pelo rev. Antônio José Lopes Guimarães.

1904 - Início do trabalho em São Leopoldo, por Antônio Machado Fraga.

1905 - A Sociedade Missionária da ECUSA **transfere** a missão brasileira para o Board of Missions (Departamento de Missão).

- Organizada a **Federação** das Sociedades Auxiliadoras.

- Brown profere uma série de **conferências públicas** em Rio Grande, onde era pároco, sobre a história da Igreja cristã no mundo. O Cristianismo era a força que modificava a vida das pessoas. A escolha de temas históricos tinha propósitos bem definidos: instruir o povo na história do Cristianismo e mostrar que a igreja que o conferencista representava não era uma seita qualquer, mas parte integrante da igreja universal fundada por Jesus Cristo.

1906 - Início do trabalho em São Gabriel e Santa Helena.

1907 - Início do trabalho em **Dom Pedrito**.

- Início da Capela da **Mediação** em Santa Maria.

- O Departamento de Missão cria o **distrito missionário** vinculado a Convenção Geral. A missão no Brasil começou com os estudantes de teologia do Seminário de Virginia, apoiada pela Diocese de Virginia, passando depois à direção da Sociedade Missionária da Igreja Americana que, em 1905, transferiu a missão brasileira para a Departamento de Missão. Essa mudança foi vantajosa financeiramente para a missão no Brasil, mas sua situação eclesiástica ou canônica continuava indefinida. Havia a necessidade de trazer a missão brasileira para o seio da igreja americana. Isso foi feito por um pedido, enviado em 1907, pela igreja

brasileira, por decisão de um concílio realizado em Bagé. Foi redigido um memorial nos seguintes termos:

“Nós, abaixo assinados, clérigos e leigos da Igreja Episcopal Brasileira, reunidos em concílio anual, na cidade de Bagé, Estado do Rio Grande do Sul, Estados Unidos do Brasil, crendo que os interesses e o desenvolvimento da dita igreja podiam ser mais adiantados por aceitarmos o *status* de missão da Igreja Episcopal Protestante dos Estados Unidos da América, vimos por este fazer uma petição à Convenção Geral, a reunir-se em outubro próximo, na cidade de Richmond, Virginia, Estados Unidos da América, que o *status* acima mencionado seja concedido à Igreja Episcopal Brasileira, contanto que as prerrogativas atualmente gozadas pela mesma sejam ressaltadas e guardadas”..

- 1908 - Brown inicia o trabalho no Rio de Janeiro (Redentor). Fechado o Seminário Teológico em Rio Grande.
- 1909 - Início do trabalho em Montenegro, por Antônio Machado Fraga.
- 1910 - Início do trabalho em Livramento e da Capela Trindade no Meyer, Rio, um bairro então com 500 mil habitantes. Kinsolving desejava fazer do Rio a sede nacional da igreja, mas para isso precisava de 40 mil dólares para construir uma catedral.
- 1912 - Thomas funda o Colégio Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre, e João Mozart de Mello funda o Colégio Kinsolving, em Livramento. Desde o início, a igreja procurou atuar no campo educacional. Na área religiosa, se utilizou da escola dominical e na área secular das escolas paroquiais. As razões:

- **educar os filhos dos membros da igreja.** A experiência havia mostrado que, quando os filhos freqüentavam outras escolas, recebiam influências que os afastavam dos princípios da religião cristã. A igreja acreditava que tinha o dever de oferecer aos seus membros em idade escolar uma educação baseada na religião cristã, para que no futuro se tornassem consagrados membros da igreja.
- **preparar os jovens para o trabalho da igreja:** os meninos para o ministério ordenado e as meninas para o ensino. Esse era o principal motivo porque a igreja queria escolas e professores próprios, para preparar a futura liderança da igreja.
- **preocupação pela tarefa da evangelização.** A igreja estava convencida de que tinha algo a mais a dar do que simplesmente cultura. A relação que a igreja estabelecia com um grande número de jovens por meio da escola era uma excelente oportunidade para evangelizar a sociedade.
- **formar personalidades capazes para refletir o espírito de Cristo em suas vidas profissionais.** Havia a necessidade de um programa educacional para toda a igreja. Por exemplo, os alunos da escola dominical eram constrangidos a freqüentar colégios de padres e freiras ou escolas públicas, nem sempre isentas de pressões ou influências sectárias. O plano era fundar escolas diárias nos grandes centros urbanos, como Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, Santa Maria e Bagé. Assim, os objetivos da igreja no campo educacional incluíam três importantes imperativos: o profissional, o pastoral e o missionário.

Kinsolving sonhava com uma escola de internato para meninos e meninas, onde pudessem ficar confinados durante a sua formação, longe das influências mundanas que rondavam os jovens. Depois seriam devolvidos à sociedade, imbuídos dos valores cristãos, que jamais conseguiriam, se ficassem sob as influências das frivolidades da vida mundana e sem aprimoramento moral e intelectual. Esses mesmos valores e princípios estavam presentes na fundação do Colégio Santa Margarida em Pelotas em 1934 e do Colégio Luso Brasileiro

(depois Independência) em Bagé em 1933 e em outros que foram fundados depois.

- 1913 - Início do trabalho em Rosário do Sul e São Sebastião do Caí, RS
- 1916 - Capela da Páscoa, em Colônia Ramos, Pelotas; e Ascensão em P. Alegre.
- 1917 - Primeira paróquia emancipada: Catedral do Mediador, Santa Maria. Início do Trabalho em Cangussú e Santo Antônio, Pelotas; Colônia Uruguai e São Paulo Apóstolo, RJ.
- 1920 - A volta de Brande, que organiza da Paróquia do Redentor.
- 1921 - Início do trabalho na Baixada Santista por José Orthón. Volta de Morris e reabertura o Seminário Teológico em Porto Alegre.
- 1923 - Início do trabalho entre os japoneses com João Yasoji Ito.
- 1924 - George Upton Krischke inicia o trabalho em São Paulo.
- 1925 - Thomas é eleito e sagrado bispo sufragâneo.
- 1926 - Kinsolving volta em definitivo para os Estados Unidos.

Kinsolving foi bispo durante 25 anos. A melhor maneira de compreender o desenvolvimento da igreja durante esse período é comparar a situação da igreja em 1925 com a época em que o bispo foi sagrado.

Especificação	1899	1925
Bispos	1	2
Clérigos	7	28
Comungantes	443	2.762
Membros batizados	500	13.535
Membros confirmados	448	4.997
Alunos da escola dominical	378	2.537
Escolas dominicais	7	46
Escolas primárias	3	6
Professores da escola dominical	27	200
Templos e capelas	9	25
Paróquias emancipadas	-	3

4. Período Thomas (1926-1949)

1925 - Sagração de William Mathew Merrick Thomas

1926 - Kinsolving volta aos Estados Unidos

1929 - Fundação da **Imprensa Episcopal**. A extensão da missão no Brasil exigia uma aproximação mais estreita entre as várias unidades da igreja. Nesse sentido, uma decisão importante foi tomada em 1929, fundando a Imprensa Episcopal em Pelotas, que ficou sob a direção do rev. José Severo da Silva, seu principal incentivador. Além do *Estandarte Cristão*, muitos panfletos e livros foram publicados. Sem conhecimento da fé, os novos convertidos ficavam abandonados. Precisavam alimentar seus corações e espíritos com os ensinamentos do puro evangelho. Isso exigia uma imprensa nova. Por meio do jornal, a igreja estabeleceu um meio efetivo de fortalecer a fé, instruir os fiéis e estreitar o senso de unidade entre as paróquias e missões. Duas vezes por mês o jornal vinha quebrar a tranquilidade da vida paroquial com notícias e artigos de fundo, e lembrar ao pároco que o seu trabalho só era significativo no conjunto da obra toda. Os concílios e as visitas anuais do bispo tinham o mesmo sentido.

1930 - Revisão do **Livro de Oração Comum**, a mais importante de todas. Thomas: "Governamo-nos pelo Livro de Oração Comum". Todas as paróquias e missões deviam usar o LOC, que era desejado por muitas igrejas evangélicas e invejado pelos católicos romanos, que ainda celebravam a missa em latim. Ninguém devia ser confirmado pelo bispo

sem conhecer e possuir um exemplar do livro. Nenhuma nova missão ou congregação devia ser reconhecida pelo concílio, se o seu responsável não garantisse que os ofícios ali realizados estavam em estrita observância da liturgia e rubricas do precioso livro. Thomas: “Se existe hoje tanto desrespeito à lei e o caos moral, não é porque as pessoas são ruins, mas porque se deixam guiar apenas por sistemas de conduta que lhes impõem as circunstâncias, faltando-lhes o sentido da responsabilidade moral” (*Atas do 32º Concílio, 1930, p. 35*). Mas a maior ameaça não veio de fora, mas de dentro da própria igreja, quando em 1926, Salomão Ferraz começou a celebrar a santa comunhão todos os domingos na Capela do Salvador, em São Paulo, prática que nas outras paróquias e missões só acontecia, quando muito, uma vez por mês. Ferraz também começou a usar textos litúrgicos não autorizados, provocando uma crise que culminou na sua destituição em 1936.

1931 - Orlando Batista e Jessé Krebs Appel estudam no Seminário de Virginia.

1933 - Tentativas de renovação: **Salomão Ferraz**, Raymond Eugene Fuessle e Martin Samuel Firth. “Injetar modernismo na igreja do Brasil, que aos poucos estava morrendo de inanição”. Fecha o Seminário por falta de alunos. Fundação do Colégio Independência), em Bagé, por A. T. Pithan.

1934 - Fundação do Colégio Santa Margarida pelo bispo Thomas

1935 - Reabertura do Seminário Teológico em Porto Alegre.

1936 - **Controvérsia cerimonialista**: Salomão Ferraz. Em 1932, publica *A Fé Nacional*, sua obra maior, em que expõe suas principais idéias:

- a) a supremacia da fé tradicional expressa nos concílios ecumênicos e na Tradição;
- b) a defesa da hierarquia de valores. Uma coisa é errada não porque o seja em si, mas por se achar deslocada de sua verdadeira posição. A fé tem precedência sobre o dogma ou a política da Igreja;
- c) a importância do indivíduo. O ser humano não deve ser aniquilado pela máquina, seja industrial, política ou eclesiástica. A organização do corpo coletivo deve garantir ao indivíduo o seu progresso normal;
- d) o caráter sagrado da pessoa humana. A supremacia da consciência é a medida da dignidade e responsabilidade do indivíduo;
- e) a função dos homens que ocupam o poder civil é ser dispenseiros de Deus revelado em Jesus Cristo;
- f) a reabilitação das Santas Escrituras na adoração comunitária;
- g) a atitude fraterna entre as igrejas. A fé é comum a todos os cristãos. Nossa fraternidade não está na atitude para com a sé romana ou qualquer outra denominação, mas para com Cristo e uns para os outros.

1940 - Primeiro bispo brasileiro: Athalício Theodoro Pithan. Inauguração do prédio do Seminário Teológico em Porto Alegre. Ano do Jubileu.

1941 - Orlando Batista funda o Instituto Livramento.

1948 - Chega ao Brasil o bispo Louis Chester Melcher.

1949 - Thomas volta aos Estados Unidos. A Convenção Geral aprova a divisão do distrito missionário em três dioceses.

5. Divisão em três dioceses

1950 - Criação do Conselho Nacional e vários departamentos

1951 - **Emancipação financeira**. Os bispos brasileiros receberam instruções da igreja americana, apelando para que “os distritos missionários fizessem ingentes esforços visando sua emancipação financeira, em vista da grave e incerta situação internacional”. A carta era assinada pelo bispo John Bentley, diretor do Departamento de Missões Estrangeiras e vice-presidente da Conselho Nacional da Igreja Episcopal do Estados Unidos.

- 1952 - Primeiro Sínodo. Herman Affonso Di Brandi
- 1955 - Assinado acordo entre a Igreja da Inglaterra e a Igreja Episcopal dos Estados Unidos sobre as capelanias inglesas no Brasil.
- 1960 - Primeiro congresso nacional. O início da igreja em Brasília
- 1961 - Criada a Casa de Santa Hilda em São Paulo.
- 1963 - Casa do Estudante Universitário
- 1964 - Seminário Teológico em São Paulo. Início do regime militar. Evangelho pessoal cede lugar ao evangelho social.

6. Autonomia

- 1965 - 19ª Província da Comunhão Anglicana
- 1965 - Bispo primaz: Egmont Machado Krischke. A igreja tem autonomia para elaborar seus próprios formulários litúrgicos. Criação do Fundo de Aposentadoria e Pensões.
- 1966 - Filiação ao Conselho Mundial de Igrejas
- 1967 - Enviado primeiro missionário para Portugal: Lauro Borba da Silva
- 1969 - Criação da Diocese Sul Central, São Paulo
- 1971 - Clóvis Rodrigues e Hanz Krolow em Moçambique
- 1972 - **Plano Decenal**. Ministérios: integral, auxiliar e livre. Comunhão a não confirmados. Fecha o Seminário. Educação teológica descentralizada.
- 1974 - Primeira visita de um Arcebispo de Cantuária: Arthur Michael Ramsey
- 1976 - Criação da Diocese Setentrional, Recife
- 1982 - Criação da Diocese de Brasília.
- 1980 - Sínodo aprova conferência nacional do clero e lideranças leigas
- 1983 - **I Confelíder**
- 1984 - Sínodo aprova a ordenação feminina.
- 1985 - Ordenada a primeira mulher: Carmen Etel Alves Gomes.
- 1988 - **II Confelíder**. Criação da Diocese Anglicana de Pelotas.
- 1990 - **III Confelíder**. Primeiro centenário
- 1997 - **IV Confelíder**
- 2000 - **V Confelíder**

III. CARACTERÍSTICAS

1. Novidade

Uma característica que ajudou a desenvolver a missão foi a novidade. Os missionários haviam trazido uma igreja nova, diferente da igreja que a maioria do povo estava acostumado a conhecer. Em pouco tempo, nos lugares onde a igreja ia se estabelecendo, a novidade e a curiosidade se transformavam em interesse e o interesse em afeição. A nova igreja afirmava sua posição sempre que um culto era realizado, uma criança era batizada, um casamento era solenizado ou um ofício de encomendação era lido, nas tocantes palavras de sua incomparável liturgia. Era a novidade que enchia as pequenas capelas alugadas de curiosos que, ao ouvirem as explicações dos missionários, logo se filiavam e se transformavam em membros adotivos (pessoas não confirmadas, mas admitidas à mesa da comunhão).

Em **Porto Alegre**, por exemplo, no primeiro culto público realizado no dia 1 de junho de 1890, os 72 lugares disponíveis foram todos tomados. A sala da Casa da Missão ficou apinhada de gente em pé. Muitas pessoas ficaram do lado de fora, sem poder entrar para ver o que acontecia lá dentro. No segundo culto, realizado no domingo seguinte, Morris e Kinsolving tinham colocado mais 20 cadeiras. Novamente uma multidão. Mal dava para ficar de pé e pregar. Muitos tiveram de ficar na porta e outros tantos não conseguiram entrar (*The Southern*

Churchman, 7 August 1890, p. 2). Em **Santa Maria**, onde o trabalho começou em 1900, cerca de 250 a 300 pessoas costumavam freqüentar os cultos dominicais na pequena sala, que Morris havia alugado na estreita rua do Comércio 34, e preparado para receber apenas 130. Era uma congregação grande demais, que chegava a criar alguma confusão e desordem, que Morris atribuía à novidade dos cultos e às circunstâncias em que a igreja se encontrava. Em **Rio Grande**, a freqüência média aos cultos era de 200 pessoas; em **Pelotas** 120, mas em ocasiões especiais chegava a 300 pessoas. Em **Bagé**, no primeiro culto público realizado em 1903, havia 1.500 pessoas, representando dez por cento da população da cidade, que era de 15 mil habitantes. “Nos serviços divinos, a capela sempre tem estado repleta de assistentes, de tal forma que se torna pequena para comportar as pessoas que desejam assistir” (*Estandarte Cristão*, 15 de outubro de 1903, p. 3). Nos lugares onde a igreja se reunia, a liturgia em português era uma novidade. O povo acompanhava os hinos e participava. De mero espectador mudo passou a ser um ativo participante, que entendia o que estava sendo lido e proferido pelo oficiante. A música despertava sempre grande interesse por sua novidade. As capelas eram conhecidas como “o lugar onde eles cantam” (*The Spirit of Missions*, May 1900, p. 294).

2. Contexto religioso

Outro aspecto que chama a atenção era o contexto religioso. Mesmo numa atmosfera de franca oposição, a igreja pouco a pouco ia aumentando sua influência e popularidade, porque mostrava as puras doutrinas bíblicas, inoculando na população os salutares princípios do evangelho que, atuando como fermento, operava a regeneração das massas populares. A isso os missionários davam o nome de “religião na vida prática”. O insucesso da Igreja de Roma, que reivindicava para si a primazia religiosa no Brasil, não residia na falta de realidade, mas na improficuidade dos meios empregados. A idéia de localizar a Deus num determinado lugar, como por exemplo, as quatro paredes de um templo ou o cubículo de um confessionário, tinha transformado a religião numa prática mecânica e egoísta, algo que só era usado em certas ocasiões ou em determinados lugares. Este conceito teórico de religião não produzia conseqüências práticas. A esse contexto de religiosidade desengajada e formal, os missionários antepunham um novo conceito de vida cristã, baseado em Mateus 7:21: “Nem todo o que me chama Senhor, Senhor, entrará no reino do céu, mas somente aquele que faz a vontade de meu Pai que está no céu”. O mero fato de fazer promessas por palavras não produzia nenhum valor religioso, quando não havia coerência na vida prática. Era um novo estilo de vivência cristã. Um exemplo dessa necessidade de coerência foi a destituição do diácono Boaventura de Souza Oliveira, em janeiro de 1895, a menos de dois anos de sua ordenação. Ele mesmo havia confessado pessoalmente que não era mais digno de ser ministro da Igreja, por ter sucumbido à tentação da fornicção. Embora os verdadeiros motivos nunca tenham sido totalmente esclarecidos, um ponto pelo menos ficou bem evidente no episódio: a igreja não admitia que seus ministros pregassem uma coisa e praticassem outra.

William Cabell Brown classificou a população brasileira, no início do século XX, em três categorias:

1. Os que acreditavam nos ensinamentos e dogmas da Igreja Católica Romana sem restrições;
2. Os que, incapazes de acreditar, optavam por uma aberta hostilidade;
3. Os que, mesmo reconhecendo a necessidade de reformas e rejeitando alguns ensinamentos, apoiavam a igreja, por ter sido a religião de seus pais.

A Igreja Romana era uma máquina eclesiástica poderosa. Dominava a vida religiosa do país. Inflamava o fanatismo e a superstição da primeira classe, mas se mostrava hostil à segunda classe, expulsando-a de seu rebanho. E com o seu poder obrigava a terceira classe a entrar em desespero pela impossibilidade de qualquer reforma. Era fácil imaginar o universo e a natureza das dificuldades que os primeiros missionários tiveram de enfrentar. Era muito difícil ser bem sucedido na missão de evangelizar num contexto preconceituoso de 300 anos de dominação religiosa. Os missionários contavam com o tempo e com a instrução para dissipar a ignorância da primeira classe. Quem poderia antepor limites à pregação da Palavra de Deus? Os missionários tinham certeza de que, ao longo do tempo, a educação e a pregação iriam dissipar os arraigados preconceitos religiosos da população, evitando os ataques desnecessários contra as crenças daqueles que procuravam influenciar.

Para a segunda classe, os missionários mostravam que existiam igrejas que não eram católicas romanas que não exigiam renúncia de sua razão e senso comum. Sabiam que os adeptos desse grupo, embora não lessem corretamente as grandes lições da história, aprendiam por meio de penosas experiências que uma nação só adquire grandeza nacional, quando seus cidadãos aceitam e praticam a vontade de Deus.

Para a terceira classe, os missionários mostravam que as reformas que desejavam não eram apenas possíveis, mas fatos já consumados e que o abandono da Igreja de Roma não significava necessariamente o abandono da religião cristã. Demonstravam isso por meio da pregação, do estudo e leitura da Bíblia e do LOC, cuja liturgia continha numa linguagem simples aquilo que o povo buscava em termos de adoração pública. Apresentavam a herança e os ensinamentos tradicionais da Igreja cristã. Mas para conseguir esse objetivo, era necessário que o povo participasse dos cultos. E aqui surgiu um problema que preocupou muito os missionários: a necessidade de construir templos apropriados. As pequenas capelas alugadas não eram convidativas.

3. Necessidade de templos

Assim, logo no início, os missionários sentiram a necessidade de construir templos próprios, não só para acomodar melhor as congregações, que aumentavam em todos os lugares, mas também para preservar a dignidade e a beleza dos cultos. Um templo próprio ajudaria muito o trabalho missionário. Nos primeiros anos, a igreja se reunia em casas ou salas alugadas, que eram adaptadas para servir de templo. Claro que todo o início de um trabalho missionário passa por uma fase provisória ou transitória para ver se tem futuro. Seria arriscado logo no início construir templos em lugares que não tivessem sido testados primeiro pelas capelas alugadas. Alguns lugares, como Pelotas, Porto Alegre, Rio Grande, Santa Rita e Viamão, já tinham passado por esse período experimental, mostrando que o trabalho da igreja já era aceitável pela população, mesmo com a desvantagem das pequenas salas alugadas. A desvantagem estava no fato de que as outras instituições seculares, como os partidos políticos, os clubes sociais, as ligas e associações, também não possuíam prédios próprios, mas alugados, funcionando em caráter permanente. Por isso, havia uma tendência da população, especialmente entre as camadas mais conservadoras, de classificar a igreja em salas alugadas como clubes sociais ou agremiações cívico-religiosas. “Era difícil para as classes mais conservadoras relacionar nossas crescentes congregações reunidas em pequenas salas alugadas com a afirmação de que éramos um ramo integrante da Igreja una, santa, católica e apostólica de Cristo. Se tivéssemos templos próprios, em vez de salas alugadas, nosso sucesso seria maior. Seria um grande investimento

missionário construir templos rapidamente” (*John Gaw Meem, in The Echo, December 1898, p. 7*).

Nos primeiros dez anos, apenas uma igreja foi construída: a Igreja do Calvário, em Santa Rita do Rio dos Sinos, construída em 1896. Os demais templos foram construídos já no período episcopal, que começa em 1899, com a sagração de Kinsolving.

1896 - Calvário, Santa Rita do Rio dos Sinos, RS

1901 - Salvador, Rio Grande, RS

1903 - Trindade, Porto Alegre, RS

1906 - Mediador, Santa Maria, RS

1909 - Redentor, Pelotas, RS

1922 - Ascensão, Porto Alegre, RS

4. Inexistência de bispo

Uma quarta característica era que nos primeiros nove anos, não havia bispo. Éramos uma igreja episcopal sem bispo e sem concílios. Em lugar dos concílios, que são sempre presididos por um bispo, eram realizadas as chamadas convocações. O vocábulo era uma tradução da palavra inglesa *convocation*, que tinha o significado de reunião oficial. A missão brasileira começou e se desenvolveu sob a supervisão eclesiástica da Diocese de Virgínia e com o apoio da Sociedade Missionária da Igreja Americana. Situação semelhante tinha enfrentado a igreja americana no período colonial. Os membros da igreja eram admitidos sem Confirmação. Não havia também ordenações pela falta de bispo. Tecnicamente, nossa história começa com a primeira visita episcopal em 1893. Esta visita foi importante em função dos atos oficiais praticados pelo bispo George William Peterkin, que foram os seguintes:

Nomeações

- Comissão Permanente
- Comissão sobre Missão
- Comissão sobre Publicações
- Comissão sobre Instrução Religiosa
- Comissão para indicar tesoureiro
- Comissão para indicar época e local da convocação
- Capelães Examinadores
- Registrador

Designações

- Trindade e Calvário: James Watson Morris e Boaventura de Souza Oliveira
- Salvador e Ressurreição: Lucien Lee Kinsolving e Vicente Brande
- Bom Pastor: William Cabell Brown e Américo Vespúcio Cabral
- Redentor: John Gaw Meem e Antônio Machado Fraga

Tradução da OM e OV, Litania e SC por Brown e Cabral.

Confirmação de 142 pessoas

Ordenação de quatro diáconos: Vicente Brande, Américo Vespúcio Cabral, Antônio Machado Fraga e Boaventura de Souza Oliveira.

Adotada uma Declaração de Princípios

No final de seu relatório de viagem, o bispo Peterkin registrou que as condições eram as mais favoráveis possíveis para o desenvolvimento da obra, iniciada de maneira tão auspiciosa. Havia o consenso de que o Rio Grande do Sul, por seu clima, seus recursos naturais e sua crescente população, era o mais promissor dos estados brasileiros. Com exceção de um ou outro missionário independente, o campo estava desocupado. Entre os vários fatores que contribuíram para o sucesso da missão brasileira, o relatório do bispo menciona

- a) a época em que começou era propícia
- b) patrocínio americano e não inglês
- c) os missionários enviados eram homens de caráter íntegro, bem treinados, experimentados, piedosos e consagrados
- d) acerto na escolha de três centros estratégicos: Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande
- e) a escolha de quatro catequistas brasileiros e sua posterior ordenação
- f) a missão não fazia distinção de classes sociais
- g) adaptação da liturgia para adoração pública
- h) uso da hinologia para o serviço da igreja.

O trabalho de organização da igreja continuou com a segunda visita episcopal em 1897, quando foram ordenados os três primeiros presbíteros nacionais e confirmados mais 159 novos membros. O processo se completou em 1899 com a sagração de Kinsolving ao episcopado.

5. Sustento próprio

Desde a visita de Peterkin em 1893, a questão do sustento próprio já estava presente na preocupação da igreja. Era importante que ficasse gravado no espírito dos convertidos a idéia de que a igreja era deles, e que eles tinham também uma parte na sua direção e sustento. Recomendação da Conferência de Lambeth 1897: a idéia de independência devia estar ligada a um bispado nacional que, em regra geral, seria concedido às igrejas nacionais que estivessem financeiramente independentes. Nunca se deveria designar um ministro para uma igreja nacional sem ter antes a certeza de que a congregação teria condições de sustentá-lo. Assim se obteriam duas coisas: os membros da igreja seriam ensinados a se tornarem independentes, e os fundos estrangeiros poderiam ser usados para obras em países pagãos.

Ao realizar as primeiras ordenações nacionais em 1893, Peterkin havia recomendado que a missão brasileira devia preparar sua própria liderança nacional. “Se desejamos ter uma igreja nacional, não haverá nenhuma vantagem em ter agentes nativos de quem dependeríamos para implantar uma política americana. Essas pessoas serão mais eficientes se forem treinadas no lugar onde irão desempenhar o seu trabalho. Não desejamos separá-las de seu contexto social e de seu povo” (*The Echo, December 1893, vol. I, n° 4, p. 3*). Peterkin vislumbrava uma igreja nacional independente. “Devemos contemplar o desenvolvimento de igrejas nacionais livres e não manter missões dependentes” (*idem*). Os ministros nacionais deviam ser sustentados por seu próprio povo, porque só assim seria possível estabelecer uma igreja verdadeiramente nacional e independente. Entusiasmado com o conselho do bispo, o redator da jornal da igreja escreveu: “Sejamos cuidadosos para não perder o espírito de independência, tornando-nos como parasitas, dependentes para sempre das forças dos outros. Nada arreceia mais um homem do que ser dependente. A caridade indiscreta tem sido a causa da degeneração de muitos pobres. O constante sustento por donativos estrangeiros tem causado em muitas igrejas um lamentável estado de inércia e indiferentismo” (*Estandarte Cristão, novembro de 1893, p. 1*).

No início, as tentativas para alcançar o sustento próprio eram incipientes. Em 1898, Cabral propôs a criação da Sociedade Missionária, seguindo o modelo da igreja americana. O objetivo era educar e sustentar os pregadores nacionais. Duas capelas (Pelotas e Santa Rita) passaram a pagar 25 mil réis para ajudar no sustento dos respectivos diáconos (Fraga e Boaventura). A importância era

pequena, mas o gesto era muito significativo, porque representava o primeiro passo no longo caminho do sustento próprio.

Entretanto, a idéia do sustento próprio surgiu como um conceito local. A comunidade local devia providenciar o sustento de seu pároco. Esse conceito deu origem ao espírito paroquialista, um mal do qual ainda sofremos hoje, prejudicando a comunidade maior, a igreja. O método empregado partia do individual para o coletivo. Era crença comum que, emancipando-se as paróquias locais, toda a igreja seria emancipada. Mas a história mostrou que isso não aconteceu. A razão disso é que o sustento próprio sempre esteve baseado num só pilar: as contribuições voluntárias do povo. A própria autonomia estava alicerçada nesse fundamento. Buscava apoio em Atos 2:44: “*Todos os que criam estavam juntos e unidos e repartiam uns com os outros o que tinham*”.

A verdade é que o conceito local de sustento próprio não emancipou a igreja. Hoje temos algumas paróquias ou clérigos emancipados. Penso que é a diocese e a igreja nacional como um todo que precisam ser emancipadas e não apenas a paróquia local. A eclesiologia anglicana é inclusiva e não divisiva. Já em 1904 Kinsolving se preocupava com o problema do paroquialismo. O bispo achava que, mesmo tendo sua própria esfera de atuação, uma paróquia estava ligada ao sucesso ou ao fracasso das outras paróquias. O ministro era ordenado ministro da Igreja e não de uma determinada paróquia. A paróquia era apenas um incidente transitório em sua vida, mas a Igreja era permanente e exigia a mais alta lealdade. As congregações espalhadas pelo país eram apenas partes de um organismo maior.

6. Contexto de oposição

A Igreja Episcopal nasceu e se desenvolveu num contexto de franca oposição. A liberdade religiosa prevista na Constituição de 1891 era ainda muito teórica. Na prática, as atividades do jesuitismo se manifestavam em quase todos os lugares onde os evangélicos procuravam estabelecer suas igrejas. Vários episódios registrados pelo *Estandarte Cristão* confirmam esse contexto adverso em muitos lugares.

Em **Viamão**, por exemplo, Cabral tinha de fechar a porta e as janelas da pequena Capela da Graça, para proteger a congregação durante os cultos dominicais, e impedir que alguns moços tentassem arrombar a porta e perturbar a reunião. A capela vivia em constante ameaça de invasão por fanáticos jovens, que vinham da capital. As ameaças só cessaram, quando Cabral ameaçou publicar os nomes dos desordeiros na imprensa, pois conhecia a todos e tinha o número legal de testemunhas e todas as informações para “dentro da lei e em nome dela levar o fato ao conhecimento das autoridades superiores da república” (*Estandarte Cristão*, 15 de dezembro de 1897, p. 1).

Em **Pelotas**, a história registrou três episódios. Durante um culto em 1892, um grupo de populares apareceu em atitude hostil na frente do sobrado, ameaçando invadir a Capela do Redentor e acabar com o culto. Mas apareceu o capitão Joaquim Raimundo Gomes, um veterano da Guerra do Paraguai, portando a sua espada. Vendo a disposição do velho capitão, o grupo arrefeceu os ânimos e foi se dispersando, até abandonar por completo o local.

Em outra ocasião, o catequista Fraga ficou na frente da capela, observando o desenrolar das manifestações. Na agitação, um jovem se destacou do grupo e correu em direção da porta do sobrado, não chegando, porém, a subir na calçada, pois havia tropeçado e caído sobre os trilhos do bonde. Ao vê-lo ferido, o catequista foi o primeiro a socorrê-lo. No final do culto, Meem foi aconselhado a

permanecer no sobrado e esperar que a multidão se dispersasse. Mas o resolutivo missionário não atendeu ao pedido e saiu pela porta central da loja. As pedras, as batatas e os ovos, que os manifestantes ameaçavam atirar contra a capela, ficaram abandonados na calçada sem utilização.

Durante um culto vespertino, em 1907, um estudante tentou interromper o sermão do pregador. Ao ser advertido para acabar com suas agressivas manifestações, puxou de um revólver e bateu com a coronha da arma no rosto do primeiro guardião, ferindo-o. O agressor foi imediatamente contido por um paroquiano de reconhecida força física, que agarrou o atrevido, ergueu-o nos braços e o levou para fora, desarmando-o.

Em **São Leopoldo**, por ocasião da inauguração da Capela do Messias, em 1904, os padres jesuítas, muito influentes na região, haviam mandado seis comissões de jovens para convencer o povo a não participar das cerimônias dos protestantes, mas não tiveram sucesso. A capela ficou cheia de gente.

Em **Santos**, o rev. Joseph Orthon realizava cultos num pequeno salão na rua Bittencourt. Havia muita vadiagem no lugar. Desde o primeiro culto, Orthon não conheceu um só instante de paz. Uma quadrilha de garotos tornava os cultos um verdadeiro pandemônio, impedindo que os membros reunidos ouvissem as orações e a pregação, por causa dos gritos, uivos e imprecações que vinham de todos os lados. Pedras, seixos, cascalho e lama eram jogados para dentro da capela. Orthon foi à imprensa, mas foi uma idéia pouco feliz, porque a perseguição redobrou. Não havia outro remédio senão mudar de acampamento. E foi o que fez.

Orthon encontrou também problemas por parte das igrejas evangélicas. Embora se queixasse muito do romanismo, muito mais severa e prolongada era a perseguição que vinha das igrejas evangélicas. Onde quer que fosse estabelecida uma capela episcopal, ali aparecia sempre o mesmo ódio, que Orthon tinha de enfrentar com grande dificuldade devido a sua natureza. A perseguição dos padres era aberta e franca (mais fácil de ser enfrentada), ao passo que a perseguição das igrejas evangélicas era escondida, insidiosa e terrivelmente mais eficaz, porque roubava crentes por meio da calúnia e da difamação. Uma dessas falsas acusações espalhadas pela cidade era que Orthon freqüentava botequins e ingeria cachaça escandalosamente.

7. Jurisdição episcopal e capelanias inglesas

A questão da dupla jurisdição episcopal em território brasileiro preocupou o bispo Kinsolving desde o início de seu episcopado. A Conferência de Lambeth de 1897 havia recomendado o princípio de um só bispo para a mesma região eclesiástica. O problema no Brasil só apareceu em 1907, quando a missão brasileira foi reconhecida como distrito missionário pela Convenção Geral. Antes disso não havia conflito, porque não havia capelania inglesa no Rio Grande do Sul, nem trabalho da missão brasileira no Rio de Janeiro ou nas outras cidades onde havia capelanias. O problema começou quando Kinsolving resolveu estabelecer igrejas em lugares onde havia capelanias, como São Paulo e Rio de Janeiro. Isso feria o princípio anglicano da unicidade da jurisdição episcopal. Mas Kinsolving, mesmo querendo, não conseguiu resolver o problema. Thomas nem tratou do problema. Melcher conseguiu o acordo de 1955 entre a igreja americana e a Igreja da Inglaterra. Esse acordo reconhecia a Igreja Episcopal dos Estados Unidos como a igreja responsável pela Comunhão Anglicana no Brasil, com liberdade para se expandir em todas as direções. Era ainda pouco, mas um caminho aberto. Os resultados práticos só vão surgir no episcopado do bispo

Edmund Knox Sherrill, quando começou o processo da incorporação das capelanias à igreja brasileira.

8. Controvérsia cerimonialista

A reforma inglesa do século XVI havia produzido três partidos ou tendências na Igreja da Inglaterra: o *Broad Church Party*, o *High Church Party* e o *Evangelical Church Party*. O *Broad Church Party*, ou igreja ampla, era um grupo minoritário, mas muito influente devido as suas posições moderadas e liberais. O *High Church Party*, ou igreja alta, tinha fortes tendências romanistas. Foi revigorado em 1833 pelo Movimento de Oxford. Os anglo-católicos ou ritualistas começaram a usar no culto público o rito romano, introduzindo o uso de imagens, velas, crucifixo, incenso, água benta, invocação a Maria e aos santos, confissão auricular, monasticismo e celibato. O *Evangelical Church Party*, ou igreja baixa, primava pela simplicidade do cerimonial litúrgico e foi o grande responsável pelo reavivamento evangélico na Inglaterra e em outros países, com forte preocupação missionária. As influências desses grupos ou partidos se estenderam também a outros países, principalmente os Estados Unidos. Os missionários que vieram ao Brasil pertenciam ao *Evangelical Church Party*.

Os primeiros cultos realizados no Brasil primavam pela simplicidade e despojamento de qualquer adorno litúrgico. O histórico culto de 1 de junho de 1890, que inaugurou a missão brasileira em Porto Alegre, foi realizado sem vestes litúrgicas. As capelas não tinham cruces no altar e as primeiras celebrações da santa comunhão não foram públicas, e quando se tornaram públicas, não eram muito freqüentes. O rev. Américo Vespúcio Cabral, um dos maiores pregadores que a Igreja Episcopal já teve, definiu a igreja como “uma igreja que usava a liberdade com que Cristo nos libertou e procurava dar ao povo brasileiro um culto isento do formalismo e pompa com que o romanismo nos embalou e distraiu durante séculos” (*Estandarte Cristão, dez. de 1901, p. 3*).

Embora a igreja estivesse ainda em formação, o aparecimento da questão do cerimonial era inevitável. Já no segundo concílio, realizado em 1900, o rev. John Gaw Meem, pároco em Pelotas, havia levantado a questão do uso de cruces no altar, de estolas de cor, do levantar da congregação na ocasião da entrada do oficiante no presbitério e do levantar da salva da coleta no ofertório. Depois de muita discussão, os conciliares não se julgaram em condições de decidir, deixando a matéria sobre a mesa até o concílio de 1922, quando foi “removida a antiga recomendação contra o uso da cruz sobre a mesa da santa comunhão” (*Atas do 24º Concílio, 1922, p. 21*). O mesmo concílio aprovou também a substituição de algumas palavras da liturgia do LOC, que continham conotações romanistas, substituindo *altar* por *santa mesa*, *sacerdotal* por *ministerial*, *sacerdote* por *clérigo*, e mais tarde (1906) *ladainha* por *litania*. Desaconselhou também o uso do cálice individual.

Estas foram as principais questões litúrgicas levantadas até 1930, quando foi feita a primeira e mais importante revisão do LOC, cujas rubricas deviam ser observadas com estrito rigor. O bispo Thomas chegou a escrever que a igreja era governada pelo LOC, numa clara referência ao rev. Salomão Ferraz, que havia publicado e usado em sua paróquia, em São Paulo, uma fórmula litúrgica própria da celebração da santa comunhão, introduzindo inovações que foram rejeitadas pela igreja, como o uso da palavra *missa* e a doutrina da *transubstanciação*, para citar apenas duas.

Entretanto, as inovações litúrgicas de Salomão Ferraz tiveram pouca repercussão no cerimonial da igreja, devido principalmente a sua atuação isolada em São Paulo, e sua posterior destituição do ministério ordenado em

1936. O *jus liturgicum* pertencia ao bispo, a quem o clero devia seguir com respeito e obediência evangélicas. E é o bispo, e somente ele, que vai daí por diante falar e escrever sobre o assunto de maneira exclusiva. Depois de Salomão Ferraz, não surgiu nenhum ministro com ousadia suficiente para se opor à orientação do bispo até 1949, quando Thomas voltou definitivamente para os Estados Unidos.

Thomas mencionava como regra de vida e norma de governo eclesiástico a história cristã, a tradição, a doutrina e os programas da igreja, os cânones e principalmente as rubricas do LOC, “tão claras e compreensíveis para quem as quiser observar, não havendo motivo ou lugar para divergências da norma a ser seguida por todos” (*Atas do 42º Concílio, 1940, p. 28*). Mas o maior pronunciamento do bispo sobre cerimonial foi feito em 1943, quando abordou praticamente todos os assuntos, desde a posição da igreja até o cumprimento da batina. O LOC era o expoente máximo de doutrina e modelo litúrgico, único livro de autoridade para celebrar os ritos e as cerimônias religiosas com ordem e reverência, respeitando os costumes católicos naquilo que fosse essencial e rejeitando o que fosse supérfluo, especialmente os acréscimos humanos contrários a Palavra de Deus.

Não conhecemos a extensão da controvérsia em todas as congregações, nem temos registros de casos de abandono da igreja por pessoas ou congregações. A impressão que fica é a de que foi uma controvérsia interna entre o bispo e alguns clérigos, que não chegou prejudicar a unidade da igreja, exceto a pequena congregação de Salomão Ferraz, em São Paulo, onde a igreja era pouco conhecida. O maior movimento de renovação litúrgica vai acontecer em 1950, com a chegada do missionário Herman Afonso Di Brandi, capelão do Colégio Cruzeiro do Sul. Ao organizar a Capela de Cristo Rei, Di Brandi introduziu as primeiras inovações litúrgicas, que repercutiram muito mais do que a atuação isolada de Ferraz nos anos 30.

Di Brandi havia introduzido o uso de vestes eucarísticas, velas, incenso e um crucifixo na capela. Eram práticas ofensivas à maioria do povo da igreja. O bispo Athalício Pithan havia proibido ao deão Jessé Krebs Appel o uso de vestes eucarísticas na catedral da SS. Trindade. Melcher, sob cuja jurisdição canônica estava Di Brandi, não era contra essas práticas litúrgicas, que eram comuns nas igrejas dos Estados Unidos, mas achava que o seu uso devia partir do desejo do clero e povo brasileiro. “Nós americanos temos de nos adaptar a muitas coisas de que não gostamos. Estamos aqui para ajudar e não para impor a nossa maneira de ser igreja. Introduzir inovações rápidas demais pode destruir a confiança que o povo deposita em nós” (*Carta a Di Brandi, 29 de abril de 1953, Arquivo*).

9. Espiritualidade

A ênfase do trabalho da igreja estava centralizada na espiritualidade, em oposição ao mundo material. A prática da vida espiritual devia ser intensificada sempre, para enfrentar o mundanismo que ameaçava invadir os arraiais cristãos. As maléficas influências do materialismo deviam ser combatidas com o uso intensificado da oração, da leitura regular da Bíblia e da observância do domingo como o dia de adoração. A falta na participação da Ceia do Senhor contribuía para o enfraquecimento da fé, impedindo dessa forma o crescimento espiritual dos membros da igreja e da própria congregação.

10. Estratégia missionária

Quando os missionários eram enviados para abrir um novo trabalho, a recomendação era esperar até que houvesse condições seguras para realizar cultos regulares. Não deviam fazer pregação pública enquanto não pudessem

começar com uma forma permanente de reunião e culto. Geralmente, alugavam uma sala, que transformavam em capela. Outra recomendação era visitar as pessoas, explicar o motivo de sua presença na cidade e reunir os interessados numa casa para ler a Bíblia, cantar hinos e explicar a forma de culto que traziam. Assim, os missionários tinham um grupo de pessoas já preparadas para iniciar os cultos públicos. Então numa determinada data e com ampla divulgação, inauguravam o novo local de culto.

Sempre que possível, o bispo estava presente. Usavam geralmente a Oração Vespertina. Quando presente, era sempre o bispo que pregava e explicava o significado da igreja, sua herança apostólica e a sempre renovada mensagem do evangelho de Jesus Cristo. Era importante que desde o início houvesse uma congregação regular para garantir sua continuidade. Por isso, a estratégia dos primeiros missionários era estabelecer missões nos centros mais populosos, onde havia mais possibilidade de estabelecer núcleos permanentes, para servir de centros irradiadores no futuro.

O trabalho começava geralmente nos pontos mais centrais das cidades e nunca na periferia, especialmente no interior, onde as igrejas eram construídas quase em frente da igreja romana ou próximo dela.

Outra prática muito usada nos primeiros anos era a realização de semanas de evangelização ou de missão, principalmente nas sedes dos trabalhos mais desenvolvidos. Eram convidados os pregadores e conferencistas mais conhecidos, cujos discursos tinham por objetivo atrair pessoas estranhas. Kinsolving, Morris, Brown e Cabral eram os oradores mais destacados. A força dessa propaganda missionária repousava na palavra, na eloquência, na salvação da alma e na retidão de vida.

DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

Para melhor organização da missão da Igreja Protestante Episcopal no Estado do Rio Grande do Sul, agora sustentada pela Sociedade Missionária da Igreja Americana, e para melhor compreensão das relações desta igreja reformada com a santa igreja católica por toda a parte do mundo, a Convocação do Rio Grande do Sul publica a seguinte Declaração de Princípios, os quais são substancialmente as conclusões adotadas na segunda e terceira Conferências Pan-Anglicanas de 1878 e 1888, e por elas recomendadas aos fiéis:

1. Proclamamos a suficiência e a supremacia das Santas Escrituras como a principal regra de fé e recomendamos a todo nosso povo o diligente estudo das mesmas.
2. Confessamos nossa fé pelas palavras do antigo Credo Católico.
3. Conservamos as ordens apostólicas de bispos, presbíteros e diáconos.
4. Mantemos as justas liberdades das igrejas particulares e nacionais.
5. Fornecemos ao nosso povo, na sua própria língua, um Livro de Oração Comum e os ofícios para a administração dos sacramentos, de acordo com os melhores e mais antigos modelos de fé e culto cristão. Esses documentos estão à disposição do mundo e podem ser conhecidos e lidos por todos os homens.
6. Acolhemos de boa vontade todo o esforço para reforma, segundo o modelo da Igreja primitiva. Não exigimos uniformidade rígida. Somos contra as divisões inúteis; porém, aos que a nós recorrerem com o fim de se livrarem do jugo do erro e da superstição, estamos prontos a oferecer todo o auxílio, e os privilégios que

lhes forem aceitáveis e consistentes com a sustentação de nossos próprios princípios, como se acham enunciados em nossos formulários.

7. Para confirmar ainda mais esta posição, afirmamos nossa aceitação como partes inerentes do sagrado depósito da fé e ordem cristãs, cometidos por Cristo e seus discípulos à Igreja de todos os séculos, das seguintes principais coisas, a saber:
 - a) As Santas Escrituras do Velho e Novo Testamentos como a Palavra revelada de Deus.
 - b) O Credo Niceno como declaração suficiente de fé.
 - c) Os dois sacramentos: Batismo e Ceia do Senhor, ministrados com o infalível uso das palavras de instituição proferidas por Cristo e dos elementos ordenados por Ele.
 - d) O Episcopado histórico, localmente adaptado aos métodos de sua administração às várias necessidades das nações e povos chamados por Deus para a união de sua Igreja.
8. Reconhecemos e aderimos à doutrina, à disciplina e ao culto da Igreja de Deus como se acham no Livro de Oração Comum, e a administração dos sacramentos e outros ritos e cerimônias da Igreja, segundo o uso da Igreja Protestante Episcopal dos Estados Unidos da América, sujeito às mudanças e alterações em coisas indiferentes e alteráveis que, por justas e importantes considerações pareçam às autoridades – e por consenso comum – necessárias ou expedientes, segundo os princípios estatuídos no prefácio do dito Livro de Oração Comum.
9. Para ordem geral de nosso trabalho, governo de nossas congregações, conduta de nosso culto, regulamento de nossas ações oficiais e outras coisas semelhantes, adotamos a Constituição e os Cânones da Igreja Protestante Episcopal dos Estados Unidos da América e também os da Diocese de Virgínia, enquanto forem aplicáveis às nossas circunstâncias e condições, podendo pela autoridade competente e por comum consentimento serem alterados, revistos ou emendados, segundo nossas necessidades.